



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

MARIA PRISCYLLA MONTEIRO SANTOS

REVISITANDO DORIAN GRAY: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

MARIA PRISCYLLA MONTEIRO SANTOS

REVISITANDO DORIAN GRAY: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Língua inglesa e Literatura.

Orientador: Prof. Ms. Valécio Irineu Barros

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

S237r Santos, Maria Priscylla Monteiro.
Revisitando dorian gray [manuscrito] : uma leitura
intersemiótica / Maria Priscylla Monteiro Santos. - 2019.
38 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Valécio Irineu Barros ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Teoria da adaptação. 2. Intersemiótica. 3. Linguagem
cinematográfica. 4. Linguagem literária. I. Título
21. ed. CDD 401.41

MARIA PRISCYLLA MONTEIRO SANTOS

REVISITANDO DORIAN GRAY: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA

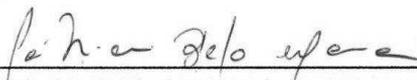
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Inglesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 17/06/2019 Nota: 10,0 (Dez)

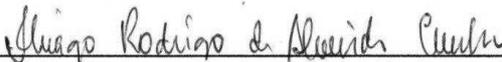
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms Valécio Irineu Barros - UEPB (Orientador)



Profa. Ms^a Iá Niani Belo Maia - UEPB (Examinadora)



Prof. Ms Thiago Rodrigo de Almeida Cunha - UEPB (Examinador)

Ao meu amor e melhor amigo, Rondinele de Sousa Brito, por ser a pessoa que mais acreditou no meu potencial e por sempre me motivar a ser uma pessoa melhor. Amo você e obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que, por meio da minha fé, me deu forças para conseguir chegar até esta etapa de estudos e aprendizagem e que certamente me levará a muito mais longe. Gostaria de agradecer imensamente ao Professor Mestre Valécio Irineu Barros por todos os conhecimentos e auxílios prestados do começo ao fim da minha pesquisa como também por todas as orientações e todo o apoio que recebi. A você querido orientador, muitíssimo obrigada.

Agradeço de coração a minha mãe, Cláudia Monteiro de Souza, por sempre me apoiar em tudo e contagiar meus dias difíceis com sua irradiante alegria, e ao meu tio, Fábio Monteiro de Souza, por me ensinar que uma das maiores riquezas que o ser humano pode ter é o conhecimento e por nunca deixar de acreditar no meu potencial. Amo vocês e obrigada por tudo!

Sou eternamente grata ao meu noivo pelo apoio incessante e por toda a paciência e compreensão que recebi, minuto a minuto, do começo ao fim desta jornada.

Deixo aqui o meu muito obrigada por todos os ensinamentos recebidos às Professoras Karyne Soares, Sreeramulu Raghuram Naidu (Shashi), Kaline Brasil, Maria das Neves Soares e aos professores Thiago de Almeida Cunha, Felipe Reis e Técio Macedo, cada um marcou minha vida de uma forma singular.

Gostaria de agradecer também às minhas amigas e colegas de trabalho, Elenice Souza e Maiara Silva, por serem uma das pessoas que mais me motivaram a não desistir e por contribuírem com tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar a transformar planos em realidade.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

A literatura e o cinema são duas artes que, mesmo divergentes, são interligadas. O presente trabalho tem por objetivo estudar a relação entre ambas, discutindo suas particularidades e convergências, bem como de que forma elas se influenciam mutuamente. Serão utilizadas as teorias da adaptação de Linda Hutcheon (2006) e Robert Stam (2008) e abordados métodos para analisar uma adaptação fílmica segundo os teóricos João Batista de Brito (2006) e Francis Vanoye (2012). Como material de análise, escolhemos o romance *O Retrato de Dorian Gray* e duas películas homônimas, *O Retrato de Dorian Gray* de 1945 e *Dorian Gray* de 2009, a fim de estudar como cada filme abordou os principais temas do romance e quais foram os principais fatores e procedimentos que levaram os diretores a fazer uma reinterpretação do enredo.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Oscar Wilde. O Retrato de Dorian Gray. Teoria da adaptação.

ABSTRACT

Literature and cinema are two arts that, even if different, are also interconnected. This work has the purpose of studying the relationship of both, discussing their individual and particular characteristics and also how they influence each other. It considers some theories of Adaptation from theorists like Linda Hutcheon (2006) and Robert Stam (2008), and it also discusses methods and procedures proposed by João Batista de Brito (2006) and Francis Vanoye (2012) to help analyze a film adaptation. As material of analysis, the undergraduate thesis worked with the Oscar Wilde's masterpiece, *The Picture of Dorian Gray*, and two adaptations for the cinema, *The Picture of Dorian Gray* (1945) and *Dorian Gray* (2009), it has analyzed how each film works with the main novel themes and which particular facts and procedures each director chose to reinterpret the storyline.

Keywords: Literatura. Cinema. Oscar Wilde. The Picture of Dorian Gray. Theory of Adaptation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
	CAPÍTULO I.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	Literatura e cinema: o elo.....	10
2.2	Da tradução à adaptação.....	11
2.3	Linguagem literária e linguagem cinematográfica: uma análise comparativa.....	12
	CAPÍTULO II.....	15
3	ANÁLISE.....	15
3.1	Oscar Wilde e sua obra.....	15
3.2	O retrato de Dorian Gray: adaptação fílmica de 1945.....	16
3.3	Dorian Gray: adaptação fílmica de 2009.....	21
4	CONCLUSÃO.....	27
	REFERÊNCIAS	29
	ANEXOS.....	30

INTRODUÇÃO

Oscar Wilde foi e continua sendo um dos escritores irlandeses mais destacados e lidos. Na sua época, final do século XIX, a fama prescreve a escrita dado que ele já era considerado celebridade antes de escrever seu único romance “O Retrato de Dorian Gray” e suas peças prestigiadas, pois ele representava dois movimentos artísticos, que tiveram origem no final do século XIX, com as mesmas tendências o Esteticismo (movimento inglês) e o Decadentismo (movimento francês que se espalhou pela Europa), ambos prezam a autonomia da arte em relação à visão de que a literatura deveria servir às causas sociais, também enfatizavam o sensacionalismo, o egocentrismo, o narcisismo, o bizarro e o artificial. Os movimentos também lutaram para construir um espaço estético, sem regras moralistas, na literatura, tendo Wilde como um dos principais seguidores, uma vez que esse autor alegava não existir livros imorais ou morais, e sim apenas livros bem ou mal escritos.

Em se tratando de livros, seu único romance *O Retrato de Dorian Gray* é recheado de diálogos influenciados pelos movimentos esteticista e decadentista, o enredo se baseia na transformação psicológica pela qual o personagem Dorian Gray passa, de um jovem ingênuo e inseguro a uma pessoa corrompida pelos prazeres carnavais e comportamentos maldosos. A história ainda dá espaço para interpretações a respeito de conceitos partilhados pela sociedade bem como temáticas atemporais como o casamento, a traição, o acúmulo de bens, a hipocrisias, o egoísmo, vaidade e a busca por novas sensações. Vale salientar que a maior polêmica da obra se deveu a seu cunho homoafetivo, ao insinuar através de diálogos que havia algum romance entre Dorian Gray e o pintor Basil Hallward, como também pela forma como Wilde descrevia como Dorian olhava para alguns homens, e a história também nos transmite a impressão de que suas paixões por mulheres eram mais de cunho artístico do que outra coisa.

Por abordar temáticas que transcendem os tempos, o romance já teve muitas adaptações para o cinema, televisão, ópera e dança. No século XX, entre 1910 e 1918 a obra foi adaptada 05 vezes para o cinema, recentemente o livro já foi adaptado para o cinema 08 vezes (Wilde, 2013), estreou como uma telenovela mexicana *El Retrato de Dorian Gray* (1969), o personagem Dorian Gray também apareceu como personagem coadjuvante no filme *A Liga Extraordinária* (2003) e na série *Penny Dreadful* (2014).

Nessa monografia, que utiliza o método bibliográfico e comparativo, optou-se por trabalhar apenas duas películas, *O Retrato de Dorian Gray* (1945) dirigida por Albert Lewin e

Dorian Gray (2009) dirigida por Oliver Parker. Ao analisar essas adaptações cinematográficas, foi utilizado a teoria da adaptação sobre o ponto de vista de teóricos como Robert Stam (2006), Linda Hutcheon (2006) e Linda Gualda (2010), cujas contribuições nos motivaram e convenceram que adaptação é uma arte independente do cinema e da literatura, tendo a liberdade de transformar e reinterpretar o enredo e personagens. Ainda como fundamentação, também foram utilizadas as teorias de João Batista de Brito (2006) e Francis Vanoye (2012) a respeito dos procedimentos específicos do processo adaptativo. Portanto, cada filme será analisado individualmente, de forma a demonstrar quais foram as transformações e quais motivações levaram os diretores a transformar e reinterpretar o romance de Wilde.

CAPÍTULO I

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Literatura e cinema: o elo

A literatura é umas das artes mais consagradas e antigas da nossa civilização, ela esteve presente desde que o homem exerceu a habilidade de se comunicar através da fala, o que lhe permitiu contar diversas histórias que foram transmitidas de geração para geração. Se tornou mais popular, quando a população obteve mais acesso aos livros. Teóricos como Robert Stam (2006) alega que a literatura não surgiu do zero, pois os primeiros escritores se baseavam em forma escrita histórias da tradição oral, como por exemplo os poemas épicos *Iliada* e *Odisséia*. Obras clássicas como Dom Quixote basearam-se nos romances de cavalaria. Também, não podemos esquecer que há diversos romances que foram baseados não em uma, mas em várias histórias, como é o caso de *O Retrato de Dorian Gray*, no qual Oscar Wilde buscou inspiração no mito grego de Narciso e se utilizou de histórias baseadas em anti-heróis para criar o protagonista epônimo. Portanto, citando Stam (2006, p. 23) “[a] criação artística nunca é *ex nihilo*, mas sim baseada em textos antecedentes”, ou seja, a literatura surge de outras histórias tanto orais como escritas.

No início do século XX, surgia uma nova arte baseada em imagens, movimentos, sons e posteriormente diálogos: o cinema. Não demorou muito para que o cinema começasse a ter um novo aliado: a literatura, segundo Brito (2006) foi nela que ele buscou suas primeiras inspirações, quando passou a seguir os modelos convencionais do romance do século passado, caracterizando suas ideias com começo, meio e fim e representando a si mesmo como: ficcional, representacional e, posteriormente, narrativo. A relação entre ambas as artes começou a se aprofundar e criar um maior elo quando o diretor David Wark Griffith começou a se inspirar nos romances de Charles Dickens para criar uma era para o cinema: a narratividade. Apesar dos protestos de outros produtores, Griffith alegava que o público estava preparado para compreender o procedimento narrativo da mesma forma que entendiam e gostavam das técnicas trabalhadas nos romances de Dickens.

A narratividade caracteriza-se por ser uma sequência de acontecimentos entrelaçados com uma série de situações e ações que complementam uma história. Tanto no cinema como na literatura, o processo narrativo só terá sentido se houver uma organização temática que busque despertar interesse e gerar reflexões tanto para o leitor como para o espectador. As

similaridades não param por aí, o que também as une é a impressão da realidade, fazendo com que elas utilizem técnicas para construir uma ilusão do cotidiano, dos desafios pessoais que vivenciamos e dos sentimentos que nos cercam. Gualda (2010) também ressalta que, quando vamos ao cinema, a realidade nos vem à tona fortemente, mesmo sabendo que tudo foram técnicas de criação de cineastas. A vista disso, quando assistimos a um filme é como se vivenciássemos toda a trajetória dos personagens, chorando quando eles choram e sorrindo quando eles sorriem, fazendo-nos refletir sobre nossa própria trajetória.

2.2 Da tradução à adaptação

A tradução vem do verbo traduzir que significa transformar ou transportar um significado entre duas línguas diferentes. Traduzir é um ato que requer interpretação de ambas as línguas para que um ou mais indivíduos possam usufruir dessa comunicação.

O russo Roman Jakobson foi um dos primeiros a classificar a tradução em três tipos: 1) A tradução intralingual que se caracteriza por interpretar signos dentro de uma mesma língua. 2) A tradução interlingual consiste em interpretar signos verbais por meio de uma outra língua. 3) Tradução intersemiótica o estudo das interpretações dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1969), que será mais aprofundada neste trabalho. Há também outras ferramentas que precisam ser levadas em consideração quando estamos transportando informações de um determinado signo verbal para um signo não verbal, precisa haver um conhecimento prévio a respeito do conteúdo histórico-cultural para compreender de forma sucinta como os indivíduos daquele determinado local pensam ou reagem a determinados fatores.

Dentro do campo de estudos da tradução, surgem as adaptações que, segundo Linda Hutcheon (2013, p. 40) “são recodificação, ou seja, traduções em forma de transposições intersemióticas de um sistema de signos (palavras, por exemplo) para outro (imagens, por exemplo).

Vale ressaltar que a tradução não é só o sentido literal, é também o próprio significado cultural do material a ser traduzido. Quando se trata de adaptações, sempre haverá mais desafios, pois as mudanças ocorrem entre diferentes mídias, gêneros, culturas e épocas, por isso é preciso ter em mente que qualquer tipo de adaptação terá perdas e ganhos, pois ela pode relatar as histórias de pontos de vistas diferentes, fazer algum tipo de crítica ou estabelecer analogias que não estavam explícitas ou simplesmente não haviam sido mencionadas no

romance. Como afirma Hutcheon (2006), a adaptação não é meramente um processo de plágio, e sim, parte do material adaptado, também é parte do desenvolvimento do romance. Por exemplo, um livro que foi adaptado depois de um século provavelmente precisará modificar a história para se encaixar nessa nova era, cultura e tempo.

Nos dias atuais, adaptação está em toda parte e em todas as mídias: televisão, cinema, musicais, teatros, internet e histórias em quadrinho, portanto, ela é parte da nossa vida diária em diferentes percepções. A prática está tão ativa que 85% dos filmes vencedores da categoria de melhor filme no Oscar são adaptações filmicas de romances famosos, nos mostrando que a escolha tem um apelo econômico e também uma nova forma de abrir as portas para novos recursos como vender camisetas, brinquedos e derivados (Hutcheon, 2006).

Há adaptações filmicas que acontecem depois de décadas e posterior a várias outras adaptações de um mesmo romance, fazendo com que o adaptador usufrua de mais liberdade para reinterpretar e inovar. Um bom exemplo é *O Retrato de Dorian Gray* que já teve 8 adaptações para as o cinema, fazendo com o que a mais recente de 2009, dirigida por Oliver Parker, retratasse aspectos e pontos de vistas diferenciados da obra, além de acrescentar novos personagens. Sobre essas mudanças, Robert Stam argumenta (2008, p.44): “Muitas das mudanças entre a fonte do romance e a adaptação cinematográfica tem a ver com a ideologia e discurso social”.

Também há casos opostos quando a publicação do romance e a produção do filme ocorrem em momentos muito próximos para que consigam tirar vantagens do sucesso comercial, um bom exemplo é o romance de Alice Walker *A cor púrpura* e a adaptação homônima de Steven Spielberg, fazendo com que ambos atingissem polêmicas a respeito da temática e indicações ao Oscar (Stam, 2008). Sendo assim, há diversos caminhos pelos quais os adaptadores podem percorrer e eles não precisam, necessariamente, se apegar à termos que falam que adaptação é menos que o romance, já que nos dias de hoje temos a plena consciência que não existe arte superior ou inferior, e a adaptação vem assumindo o seu lugar não apenas como mais um meio narratológico, mas como parte integrada a ambas as artes.

2.3 Linguagem Literária e Linguagem Cinematográfica: uma análise comparativa

No tópico anterior vimos que tanto a literatura como o cinema apresentam vários elos. Agora vamos abordar suas diferentes linguagens e descobrir o que é necessário para analisar um filme.

A linguagem literária caracteriza-se por ser verbal e baseada no encadeamento de ideias, longos discursos e escrita subjetiva. João Batista de Brito (2006) também menciona que o tempo para se ler um romance é maior do que um filme, pois se gasta mais do que a média de duas horas de um filme, pois a linguagem literária é mais extensa e analítica. Já a linguagem cinematográfica é caracterizada por ações, gestos e sonoridade. É também importante argumentar que o cinema oferece diversas distrações para o telespectador por utilizar técnicas como *close*, enquadramento e trilha sonora, fazendo com que os telespectadores se engajem facilmente.

Sendo assim, podemos observar que a linguagem cinematográfica difere por ser visual, apresentando um discurso mais simples com o intuito de captar uma ideia de naturalidade para aproximar os telespectadores. Já a literatura descreve com maiores detalhes o que se passa não só na mente dos personagens como também para fazer com o leitor adentre ao ambiente e época em que transcorre a história do romance.

Agora o que acontece na passagem da estrutura literária para a cinematográfica? O teórico Vanoye (2012) explica que, no princípio, é necessárias duas operações básicas: *redução* e *adição*. A primeira como próprio nome diz, reduz informações, personagens ou algum local específico que há no romance, mas é retirado da adaptação fílmica. Essa operação básica é a mais frequente no processo de transposição de filmes adaptados. A segunda consiste em coisas que não estavam no romance, mas foram acrescentadas ao filme.

Ainda sobre os procedimentos da adaptação, Brito (2006) acrescenta mais 4 itens importantes:

- 1- *Transformação* que se remete a coisas que estão tanto no romance quanto no filme, mas que são apresentadas de formas diferentes;
- 2- *Simplificação* que se baseia na diminuição ou fusão de elementos do romance para tornar mais prática e concisa a adaptação fílmica;
- 3- *Ampliação* que serve para aumentar a dimensão de um ou vários elementos do romance dentro do filme; e

4- *Deslocamento* quando um ou vários elementos estão em ambas as obras, mas não na mesma ordem espacial ou cronológica.

Tanto Vanoye (2012) como Brito (2006), remetem-se a mais cinco importantes categorias que juntas formam o alicerce para uma boa análise fílmica e comparativa: enredo, personagem e narrador, além dos conceitos de espaço e tempo.

1- Enredo - Nessa categoria é importante compreender que o enredo da história provavelmente é mais extenso no livro e simplificado no filme. E por isso, aqui pode ser usado os elementos de simplificação para que na versão fílmica, que tem o tempo mais curto, algo possa ser explicado e interpretado da melhor maneira.

2- Personagem - Os personagens precisam ser analisados pelas suas características físicas e psicológicas, para que no final da análise haja uma interpretação bem-sucedida.

3- Narrador - Segundo Vanoye (2012) há 4 tipos de narradores: a) O personagem-narrador: participa ativamente do enredo e também relata e descreve os fatos ocorridos; b) Narrador-som: é aquele narrador mais observador que ouve e faz com que ouçamos através dele o que se passa com os personagens; c) Narrador-imagem: ele transmite para nós o que os outros personagens estão vendo; d) Narrador imagem-som: é uma junção dos dois tipos de narradores anteriores.

Para concluir, temos o último, mas não menos importante, elemento: os conceitos de tempo e espaço. Vanoye explica que um filme sempre irá se remeter ao presente não importando se é um filme de época ou futurista, pois nós somos movidos pelo que nos interessa, e o que de fato importa está relacionado ao presente. Por isso que a adaptação fílmica *O Retrato de Dorian Gray* de 1945 jamais iria desenvolver cenas que incluísse a homo afetividade expressa no livro sem censuras, pois naquela época o tema era um tabu. Já a versão mais recente, de 2009, apresenta essa temática de forma liberal mesmo que de forma sucinta, pois ela não é o foco principal da adaptação. Em relação ao espaço, para analisar tanto um filme como um livro, é necessário ter conhecimento prévio do que se passava naquela época em determinado lugar, a fim de se poder interpretar, de uma maneira geral ou específica, a realidade fictícia com a qual nos envolvemos de forma espontânea quando estamos lendo um romance ou assistindo a um filme.

CAPÍTULO II

3 ANÁLISE

3.1 Oscar Wilde e sua obra

Oscar Wilde foi um renomado escritor no final do século XIX, escrevendo importantes peças como *A importância de ser Ernesto* e *Salomé*. Contudo, seu nome é lembrado até hoje pelo seu único romance, *O retrato de Dorian Gray*, um livro que retrata a corrupção da alma de um jovem e encantador rapaz, cuja vida era baseada em ceder às tentações carnis. Entretanto, a polêmica que o fez editar o livro para que fossem retiradas mais de 500 palavras se deveu ao conteúdo homoafetivo que estava inserido nas páginas, fazendo com que o autor fosse alvo de diversas críticas. Antes que o livro fosse massacrado pela sociedade, criticado e submetido a diversas revisões, a edição que iremos abordar nesse artigo, foi a datilografada, com correções feitas à mão pelo autor e a qual ele próprio submeteu à revista que o iria publicar *Lippincott's Monthly Magazine* no começo de abril de 1890. Porém o livro só foi publicado em abril do ano seguinte, em forma de livro, pela editora *Ward, Lock and Company*.

Nessa versão o romance sofreu várias edições fazendo com que Wilde também tivesse que transformar o enredo mesmo que não concordasse e o fizesse por medo de que descobrissem sua vida amorosa secreta com diversos homens da sociedade vitoriana. O que ele não sabia era que seu maior medo se tornaria realidade quando a sua própria obra, a primeira versão sem cortes e censura, foi usada contra ele no tribunal, no qual o julgaram por flagrante indecência, de modo que ele foi submetido a 02 anos de prisão com trabalhos forçados. Após seus anos de sentença, Wilde já tinha sido banido da puritana e rígida sociedade londrina da época e sua vida não foi a mesma, pois os trabalhos forçados fizeram com que sua saúde fosse prejudicada e em 30 de novembro de 1900, aos 46 anos, ele morreu de meningite num hotel barato em Paris. Anos depois, levaram seus restos mortais para o cemitério Père Lachaise em Paris, no qual permanece até os dias atuais.



(O túmulo de Oscar Wilde virou patrimônio histórico na França e recebe diversas visitas dos fãs e admiradores)

Figura 1

3.2 O Retrato de Dorian Gray: Adaptação filmica de 1945

A adaptação cinematográfica de 1945 dirigida por Albert Lewin foi a mais aclamada pela crítica, sendo indicada a três Oscar de 1946: Melhor fotografia, Melhor atriz coadjuvante e Melhor direção de arte, ganhando apenas o de Melhor fotografia. O filme é em preto e branco com apenas duas ilustrações coloridas.

A seguir as duas únicas cenas coloridas:



(figura 1)

A figura 1 refere-se ao primeiro momento que o quadro aparece, antecedendo ao momento em que Dorian fará o pacto com os deuses egípcios que vivem na estátua do gato preto.



(figura 2)

Na figura 2 a cena nos mostra a degradação da alma de Dorian representada no quadro. Ao relacionar ambas as imagens podemos considerar que o diretor quis enfatizar, utilizando imagens coloridas, a corrupção da alma de Dorian Gray.

Na adaptação de 1945, o que chama a atenção, a princípio, é a presença de um narrador que faz com que ouçamos através dele o que se passa com os personagens, nos dá características importantes como é observado nas primeiras cenas, quando o narrador nos fala quem é Lorde Henry, como ele gosta de falar sobre suas teorias hedonistas (viver só pelo prazer) e o quanto gosta de influenciar as pessoas para praticá-las. Há outras passagens nas quais podemos observar o enredo pela voz do narrador, quando ele nos relata que Dorian estava começando a se aventurar por lugares “estranhos” nas ruas pouco visitadas por aristocratas e começou a conhecer pessoas distantes da realidade, na qual ele vivia em Londres. A voz do narrador também aparecerá para descrever os sentimentos dos personagens, o que eles pensavam e locais que frequentavam, de modo consequente, Vanoye (2012) explica que esse tipo de narrador é caracterizado como personagem narrador pois “é dotado de uma voz encarregada de acompanhar a história narrada” (Vanoye, 2012,p.43) e o narrador apresentado na película também pode ser considerado como comentador externo, que aparece na forma de uma voz identificável.

Um fator que tornou essa adaptação única foi a epígrafe a qual aparece em cenas importantes ao longo do enredo:

“Enviei minha alma através do invisível
para soletrar alguma carta dessa pós-vida
e aos poucos minha alma voltou para mim e
respondeu: Eu mesmo, sou céu e inferno”

Versos esses que pertencem à seleção de poemas do livro *Rubaiyat* de Omar Khayyam ¹. O poema é citado em três momentos diferentes no filme: a primeira vez, como dito anteriormente, é no início; a segunda, quando Dorian lê para Allan Campbell, após a morte de Basil, e a última no desfecho do filme, dando a entender que o poema foi usado para explicar uma característica enraizada no personagem principal.

Ainda se tratando da epígrafe, ela tem relação com que Dorian Gray fala para Basil no capítulo XI “ Cada um de nós tem o Céu e o inferno dentro de si, Basil” (Wilde, 2013, p. 271), essas palavras se relacionam indiretamente com trechos do livro *Paradise Lost* do poeta John Milton: “A mente é seu próprio lugar/e por si mesma/ Pode fazer do Inferno um Céu, e um Inferno do céu” (Milton apud Frankel, 2013), o que nos leva a compreender que a epígrafe e seus ecos vão além de uma característica do personagem, servindo, antes, para

¹ Matemático, poeta e astrônomo da Pérsia

demonstrar seu sentimento de culpa pelos atos hediondos cometidos ao longo de sua vida ou meramente como uma justificativa para continuar a cometê-los.

Na película de 1945, pode-se observar os procedimentos de adição mencionado pelo teórico Brito (2006) com a introdução de dois personagens e um objeto simbólico. O primeiro personagem é Gladys, sobrinha de Basil, que é fascinada por Dorian desde os seus 10 anos de idade. Pouco depois que o retrato é finalizado, ela também deixa sua assinatura nele e pede com vigor que Dorian não mude até que ela possa crescer. No decorrer da história, quando ela finalmente cresce, reencontra Dorian, ambos se apaixonam e ficam noivos. O segundo personagem adicionado é David, um jovem rapaz que apaixonado por Gladys e quer provar a todos que Dorian é farsante e tem seu nome envolvido em diversos escândalos. Nessa adaptação há um objeto simbólico: a estátua mística do gato preto, sobre a qual Lorde Henry comenta que os 73 deuses egípcios estão naquela estátua, o que confere um ar de magia e mistério sempre que a estátua surge, fazendo-nos compreender que o pacto não foi com o quadro e sim com os deuses da estátua. Consequentemente, ela sempre aparece nas cenas mais importante do filme como na cena em que Dorian faz o pacto, na cena anterior e posterior ao assassinato de Basil, bem como no desfecho. Além disso, vale ressaltar que a estátua está presente na pintura do retrato.

Essa adaptação também utilizou o método de transformação de Brito (2006) e Vanoye (2012) pois modificou características físicas de Dorian e Sybil Vane. O personagem Dorian Gray é representado por um jovem de cabelos e olhos escuros, pele fina e pálida fazendo com que sua aparência representasse mistério e remete-se aos padrões de beleza da década em que o filme foi lançado. Já o Dorian Gray representado pelo livro tinha uma aparência angelical: *“Sim, era sem dúvida maravilhosamente bonito, com lábios escarlates finamente delineados, os olhos azuis e francos, os cabelos louros e encaracolados. Algo em seu rosto fazia com que as pessoas confiassem nele de imediato.”* (Wilde, 2013, p. 103)

No decorrer do filme, o personagem assume uma expressão de rigidez perante os demais, demonstrando uma mistura de remorso e rancor por todos os atos “pecaminosos” cometidos. Ao agir dessa forma, faz com que os telespectadores enxerguem um Dorian mais sério ao invés de jovial. O personagem Dorian também é caracterizado como um dândi², sempre buscando novos prazeres e sensações.

² Um homem que se importa excessivamente com aparência e com senso estético. Um bom exemplo de Dândi, foi o autor da obra *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde.

Em relação a Sybil Vane, ela aparece em um bar intitulado “*The two turtles*”, ao invés de ser uma atriz de teatro, como no romance, ela é uma cantora cuja personalidade é desconfiada e carente e sonha em ser uma atriz. O diretor ao optar por uma cantora, nos remete aos anos dourados dos filmes musicais da década de 40, fazendo com que se tornasse algo popular entre filmes ter atores cantando. Enquanto Sybil cantava “Goodbye Little Yellow Bird”, canção que levou a atriz Angela Lansbury a ganhar um grammy e ser indicada ao Oscar, Dorian escuta sua bela voz e fica encantado. A princípio, ela tenta resistir ao seu charme, mas acaba cedendo aos seus encantos. Ele, por sua vez, admirado pela jovialidade e pureza de Sybil, jura-lhe amor eterno até que Lorde Henry propõe que ele se certifique se ela realmente é o que ele pensa, convidando-a para passar uma noite com ele e ela aceita. No dia seguinte, Dorian escreve uma carta rompendo o noivado e alegando que ela não é a mulher que ele esperava que fosse. A jovem resolve se matar, ingerindo uma grande quantidade de tinta.

Na obra, Sybil é uma tímida e gentil atriz de um teatro situado no subúrbio de Londres que interpreta personagens das obras de William Shakespeare. Dorian, fascina-se pela atuação da jovem: “[...]Ela é todas as heroínas do mundo numa só pessoa. É mais do que um ser individual. [...] ela tem gênio.” (Wilde, 2013, p.141), demonstrando que Sybil é apenas uma representação artística e estética e não um grande amor. Portanto, quando a personagem, por amor a ele, não demonstra mais prazer em atuar, ele rompe o noivado alegando que sua má atuação matou o amor que sentia por ela. No mesmo dia, ela decide se envenenar e morre.

Em suma, sobre o filme de 1945, constata-se alguns processo adaptativo citados pelos teóricos Brito (2006) e Vanoye (2012), tais como *adição*, ao acrescentar os personagens Gladys e David, a riqueza simbólica da estátua do gato preto e a apresentação de temas de fantasia, quando Basil argumenta que, ao pintar o quadro, sentiu como se algo misterioso e mágico estivesse ao redor da pintura.

Também se nota o procedimento de *transformação* ao abordar o enredo do filme, pois ocorre modificação de alguns aspectos das cenas citadas como a personalidade de Sybil, o seu emprego e o motivo pelo qual Dorian resolve romper seu relacionamento com ela. Por ser uma adaptação inserida na realidade da década de 40, houve aspectos que foram abordados de forma extremamente sucinta e que, para muitos passa-se despercebido do verdadeiro sentido que está inserido no romance, a passagem em particular é o momento em que Basil visita

Dorian para contestar todas as coisas terríveis sobre a reputação de jovem, questionando-o a respeito das amizades desagradáveis, por que um amigo muito próximo havia cometido suicídio e por que os homens honrados “torciam” a cara quando era mencionado o seu nome. O diálogo é semelhante ao capítulo 8 do romance, todavia a adaptação não mostra nenhum tipo de conotação homoafetiva ao mencionar a reputação de Dorian, ou seja, houve uma redução a respeito que, segundo Brito (2006), ocorre quando uma adaptação fílmica não apresenta um aspecto da história do romance.

Pode-se concluir que essas transformações escolhidas não foram melhor abordadas naquela época, pois na década de 40 ainda era um tabu falar sobre homoafetividade. Vale lembrar que Gualda (2010) argumenta que obra literária e adaptação podem ser independentes e mesmo se tratando de um filme de época, a adaptação fílmica sempre abordará a realidade atual na qual está inserida, ou seja, a época em que o filme foi filmado.

3.3 Dorian Gray: Adaptação fílmica de 2009

A adaptação cinematográfica de 2009 foi dirigida por Oliver Parker, um cineasta que já havia adaptado para o cinema, duas peças cômicas de Wilde: *An ideal Husband* (1999) e *The importance of being Ernest* (2001), sendo o primeiro aclamado pela crítica. *Dorian Gray* foi sua versão hollywoodiana de uma obra clássica. Gualda (2010) argumenta que grandes indústrias do cinema selecionam obras literárias renomadas com o intuito de despertar maior interesse nos telespectadores, arrecadar grandes bilheterias e aumentar as chances de ganhar premiações. Nesta adaptação, houve uma necessidade de reinvenção, utilizando os esquemas do processo adaptativo descritos por Brito (2006) e Vanoye (2012) de *adição* e *transformação*, em outras palavras, adaptando personagens, adicionando ações e, ao mesmo tempo, encenação quando Parker persiste em manter algumas essências da obra como expressar através de detalhes em cenas o esteticismo e o decadentismo presentes na obra literária. Também vale destacar a presença do gótico nessa película pois há diversas cenas que apresentam características típicas de fantasia e horror.

Como o próprio título revela, Parker fez uma adaptação totalmente voltada para o personagem Dorian e nos mostra, sombriamente, suas lembranças da infância, cheias de controvérsias e traumas, ou seja, o diretor utiliza-se do esquema de *adição* visto que na obra não há passagens que referem-se a lembranças da infância de Dorian e os traumas a ela

relacionados. E se remete a seus pensamentos repletos de culpa e à degradação de sua alma. O Dorian dessa produção cinematográfica é esteticamente retratado de forma diferente, dessa forma o adaptador recorreu ao esquema de *transformação*, uma vez que o personagem repaginado aparece de cabelos escuros e longos, um rosto fino e pálido e olhos profundos e escuros. Na obra literária, esse personagem é descrito como um jovem de beleza imaculada e com características angelicais (olhos azuis e cabelos dourados). Pode-se observar que o adaptador criou um Dorian menos puro, passando a ideia de que ele era apenas um jovem perturbado e muito ingênuo.

Esta adaptação também nos apresenta um lado mais promíscuo do Dorian, inclusive, é repleta de cenas de sexo e momentos de orgia e sado masoquismo. Também vale destacar a presença de cenas homoafetivas, sendo a principal o beijo entre Dorian e Basil, seguido de insinuações de atos sexuais.



(Dorian Gray, 2009 - cena do beijo entre Dorian e Basil)

Figura 3

Também é mostrado o envolvimento dele com cigarros, bebidas alcoólicas e drogas ilícitas. Portanto, percebe-se que o adaptador quis evidenciar esses aspectos na nova fase em que Dorian estava vivendo. Desse modo, Parker usufruiu de mais liberdade para reinterpretar e renovar, fazendo com que o espectador conseguisse perceber um lado “não envergonhado” de Dorian. É importante mencionar que cenas explícitas de sexo foram totalmente reinterpretadas pela adaptação, mas há sutis evidências no decorrer dos capítulos sobre a homoafetividade, como no capítulo VII, em que Basil confessa sua idolatria por Dorian: “*É bem verdade que o idolatrei com um sentimento afetivo muito maior do que qualquer homem deveria dedicar a um amigo. Sabe-se lá por que, nunca amei uma mulher*” (Wilde, 2013, p. 206)

Tendo em vista que foi um romance escrito no final do século XIX, subentende-se que o adaptador atualizou e renovou através de imagens (como a ilustrada anteriormente) o que o Oscar Wilde descrevia com sutileza e deixava o leitor subentender “nas entrelinhas”.

Há alguns fatores que tornam essa adaptação única, partindo do pressuposto que tais cenas não ocorrem na obra de Wilde e nem nas adaptações anteriores, o que remete novamente ao esquema de *adição*. O primeiro acontecimento é a cena em que Dorian conhece Basil, numa festa beneficente e mostra que foram as madames de classe alta que o apresentaram ao pintor que, de imediato, se sentiu atraído por Dorian e passou a fazer dele seu modelo artístico favorito. Ainda sobre Basil, nessa adaptação, seu assassinato não ocorre com um único golpe de faca no pescoço, como acontece no livro. Dorian, enfurecido pela reação do amigo ao ver sua própria alma no retrato, decide pegar um caco de vidro e o esfaqueia com vários golpes. A forma como ele destrói o corpo também é diferente. Na obra literária, ele chantageia um possível ex amante, Allan Campbell, para que ele queime o corpo de Basil e se livre de todas as coisas. Na adaptação de Parker, o corpo de Basil foi mutilado, colocado dentro de um baú e jogado num rio, quando o cineasta recria essa cena, acaba fazendo alusão ao contexto social de Wilde. Naquela época, a população de Londres vivenciava tempos obscuros e cheios de especulações, nos quais pessoas desapareciam e tempos depois encontravam seus corpos flutuando em rios e com casos de criminosos noturnos como Jack, o estripador (1888). Portanto, Parker conseguiu trazer a angústia e especulações da população como fora nos tempos de Wilde através de cenas posteriores a morte do pintor Basil.

Outro acontecimento singular dessa adaptação diz respeito aos familiares de Dorian. Ao assistir o filme, o telespectador descobre que a mãe de Dorian morreu no parto, o pai era um pintor pobre e o avô, Kelson, era muito rico e através de ferimentos nas costas e de flashbacks de pensamentos de Dorian é revelado que o avô o maltratava quando ele era criança, alegando que ele era “a morte”.

O último acontecimento é quando Dorian vai à igreja pedir ajuda a um padre e confessa que vê a sua alma e o quanto ela está podre. Compreende-se com essa cena que Dorian está muito perturbado e querendo começar uma vida nova longe de tudo. É nesse momento que ele percebe que a filha de Lorde Henry, Emily Wotton, pode ser sua fuga da realidade e uma nova chance de recomeçar sua vida. Essa personagem citada anteriormente, é uma personagem que foi criada nessa adaptação e demonstra ser uma garota meiga e bastante

destemida, dando a oportunidade ao telespectador de vê-la como uma mulher à frente do seu tempo.

Outra personagem feminina que teve destaque em ambas as artes e que foi retratada de maneira diferente, foi Sybil Vane. Nessa adaptação, Dorian a vê pela primeira vez em um bar no subúrbio de Londres e acaba a conhecendo em um teatro, dias depois. Ao contrário do livro, ele se interessa por sua beleza e juventude e, seguindo os conselhos de Henry, insiste para que Sybil passe a noite com ele. Depois que todos descobrem seu romance, Lord Henry o convence de que ele deve explorar novas sensações, fazendo com que ele rompa com Sybil. Sua morte, nessa adaptação, acontece de forma mais dramática, ela descobre que estava grávida e se afoga em um rio, mais uma vez se referindo a corpos encontrados em rios, trazendo à tona o contexto social referente aos horrores que aconteciam na época vitoriana e também fazendo alusão ao corpo mutilado de Basil que foi encontrado em um rio.

O último aspecto a ser analisado será sobre o impacto do próprio retrato ao longo da adaptação de Parker. Após o pacto com o quadro, o adaptador utilizou de técnicas de *close* e enquadramento para fazer o telespectador entender que o retrato aparentava ter uma vida própria. Ele “observa” Dorian, além de modificar a aparência. É perceptível que o quadro se move, emite sons, de acordo com o próprio Dorian, ele tem cheiro ruim e salta germes dele. Ao longo do filme, sua presença é bem mais constante, o que o torna uma assombração na vida de Dorian. Fora ele, apenas duas pessoas viram o quadro deformado: Basil, antes de ser assassinado e Lord Henry ao tentar desmascará-lo. Quando ambos observam o quadro, a câmera não nos mostra o que eles veem e sim o que o retrato vê.

Segue as duas imagens do retrato observando Basil:



(Dorian Gray)

Figura 4

A luz clara ao redor de Basil, representa a visão que o retrato ou a alma de Dorian está observando naquele momento. O mesmo acontece em uma das últimas cenas do filme quando Lord Henry vê o quadro:



(Dorian Gray, 2009)

figura 5

Segue abaixo as duas últimas cenas: a primeira em que Dorian olha para o retrato e a segunda é quando a própria alma começa a transferir toda monstruosidade para ele enquanto o próprio esfaqueia o quadro, por fim se matando.



(Dorian Gray, 2009)

Figura 6



(Dorian Gray, 2009)

Figura 7

Concluindo, essa produção cinematográfica apresentou a maioria dos esquemas sugeridos por Brito (2006) e Vanoye (2012): *adição*, pois deu vida a novos personagens, como Emily Wotton e seu avô Kelson que, mesmo não participando ativamente do enredo, sua memória era constante nas lembranças de Dorian, sempre que o adaptador utilizava cenas

com *flashbacks*. Outras adições observadas foram nas cenas que Dorian conhece Basil, quando o próprio vai se confessar com o padre e nos apresenta o próprio quadro atuando como um fantasma assombrando a vida de Dorian. É perceptível que há elementos presentes em ambas as obras, mas apresentados de forma diferente como o próprio personagem principal que possui novas características físicas e uma psique que já havia sido atormentada muito antes do pacto com o quadro.

Outro procedimento bastante usado foi o de *ampliação* como, por exemplo, a explicitação da homoafetividade na cena do beijo entre Dorian e Basil. Mas o elemento mais importante foi como o adaptador soube utilizar de conhecimentos prévios a respeito da época em que se passa a obra literária e a vida do próprio escritor, encaixando-os de uma maneira mais atual em sintonia com a época em que vivemos. Pode-se concluir que uma adaptação fílmica pode trazer a segurança que o reconhecimento a respeito do enredo familiar traz e fazer com que o telespectador sinta prazer com o frescor da novidade (Hutcheon, 2006.)

4 CONCLUSÃO

Nesse referente trabalho, ao analisar as duas adaptações do romance de Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, foi observado que ambas utilizaram interpretações distintas, contendo representações com pontos de vista diferentes, uma vez que há um lapso temporal de 64 anos entre uma adaptação e outra. Destacou-se alguns aspectos peculiares de ambas as versões, que as tornam distintas do romance.

O que chamou atenção na adaptação de 1945 foi toda a simbologia e representatividade da estátua do gato preto, que se destacou durante as principais cenas e se concretizou como o realizador do pacto com Dorian. Já na adaptação de 2009, o destaque ficou para a representação do retrato como uma assombração, sempre atormentando Dorian. O mais interessante é que o telespectador pode ver através do que o próprio retrato ou a alma de Dorian enxerga, como nas cenas em que ele observa Sybil Vane e, posteriormente, Basil e Henry.

Se tratando de similaridades entre as obras cinematográficas, também foi observado que ambas as adaptações utilizaram dos mesmos esquemas do processo adaptativo, como *adição e transformação*, pois inseriram novos personagens, destacando-se duas mulheres, Gladys e Emily Wotton, ambas com personalidades parecidas, amorosas e determinadas, foram personagens destaques pois surgiram na vida de Dorian no momento em que o próprio desejava recomeçar uma nova etapa. Outra similaridade a se destacar é a aparência do personagem Dorian, ambos têm a pele bastante clara, cabelos e olhos negros. Na adaptação de 1945, essas características apresentaram um Dorian mais misterioso e discreto; já na adaptação de 2009, tais aspectos físicos representaram um personagem mais afeminado e ingênuo. Se tratando personalidade de Dorian, o estilo dândi e a busca incansável pelo prazer está presente em ambas as adaptações, contudo, na adaptação de 1945 encontra-se tais características apenas em diálogos não em atos consumados como na adaptação mais recente.

Entre as adaptações filmicas também há diferenças, a película de 1945 apresenta um narrador personagem que revela os sentimentos e pensamentos dos personagens, uma Sybil Vane cantora e a canção “Goodbye little yellow bird” que é cantada ao longo do filme. Já na adaptação de 2009, o diretor deu destaque para o hedonismo, apresentando, constantemente, cenas de sexo e beijos homoafetivos. Também vale destacar a presença de aspectos do gênero horror nas cenas em que o retrato assombra Dorian.

Outro fator importante foi ter conhecimento prévio da vida do Oscar Wilde, fazendo com que a interpretação da sua obra e das duas adaptações trouxesse um novo sentido, mostrando que há uma conexão sociocultural pois tanto a obra literária como as películas situam-se no mesmo local, mostrando uma Londres, ao mesmo tempo, decadente e luxuosa, como a população vivia e como pensavam naquela época. Apresenta um novo sentido pois conseguimos enxergar as diversas facetas que há na obra de Wilde como a degradação de alma, o narcisismo, a estética da decadência e o vivendo pelo prazer, temas atemporais que fazem com que as adaptações filmicas não tivessem dificuldade em trazê-los à tona.

Posteriormente ao filme de 2009, às temáticas do livro de Wilde e o próprio personagem principal ainda continuaram a ser adaptados. A versão mais recente foi na série *Penny Dreadful* (2014), a qual apresenta Dorian Gray, como um personagem secundário, com características similares às da adaptação de 2009 o sendo a maior diferença seu discurso poético e decadentista. Além da série, temos o filme *A liga extraordinária* (2003), anterior a películas de 2009, que nos mostra um Dorian Gray mais arrependido e heroico. Atualmente, no Reino Unido, está em cartaz a peça "The Picture of Dorian Gray" (2019) dirigida por Séan Aydon, na qual continua a ser trabalhada a temática do suspense.

Analisando esse processo como forma de tradução, pode-se considerar que não houve perdas e ganhos, pois ao longo do tempo as adaptações filmicas engrandeceram tanto o personagem Dorian Gray como toda a história por trás do único romance de Wilde. Como Robert Stam já havia mencionado "A adaptação assim molda novos mundos mais do que simplesmente retrata/trai mundo antigos" (2006, p.26). Chego à conclusão de que, sem as adaptações, a obra de partida não teria a mesma significância diante da sociedade, visto que elas ajudam a aumentar o público alvo que, além de conhecer a história, pode sentir interesse e buscar a leitura do próprio romance.

REFERÊNCIAS

BRITO, João Batista de. **Literatura no Cinema**. São Paulo:Unimarço, 2006.

DORIAN Gray (Dorian Gray), diretor Oliver Parker. Inglaterra, 2009. Roteirista: Toby Finlay. Principais atores: Ben Barnes, Colin Firth, Bem Chaplin e Rachel Hurd-Wood. 108m, disponibilidade em DVD no Brasil (sim).

GUALDA, Linda Catarina. Matriz. **Literatura e cinema: elo e confronto**. Ano 3- N°2. Jan/Jul. 2010.

HUTCHEON, Linda. **Theory of Adaptation**. New York, NY: Rotledge, 2006.

O RETRATO de Dorian Gray (The picture of Dorian Gray), diretor e roteirista Albert Lewin. EUA, 1945. Principais atores: Hurd Hatfield, George Sanders, Lowell Gilmore e Angela Lansbury, 111m, disponibilidade em DVD no Brasil (sim).

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. In: Ilha do desterro, n. 51, jul./dez. 2006, Florianópolis.

VANOYE, Francis & GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray – edição anotada e sem censura**. Organização de Nicholas Frankel. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Globo, 2013.

ANEXO A – RESUMO DO LIVRO

O Retrato do Dorian Gray

Resumo do livro

O único romance do escritor Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, retrata a estória do jovem Dorian Gray que é dono de uma beleza extremamente encantadora, a qual faz todos ao seu redor admirá-lo. Ao conhecer o pintor Basil Hallward com quem inicia uma amizade, o mesmo não tem noção de que sua vida está prestes a ter uma mudança significativa. Após um belo dia no estúdio de Basil, enquanto este dava início a uma nova pintura cujo modelo era Dorian, o jovem iria conhecer um amigo do artista chamado Lorde Henry, um homem hedonista, o qual acreditava que todos deveriam viver pelo prazer, ainda que o próprio não segue essa conduta. Ao conhecer Dorian, imediatamente se encanta com sua beleza extraordinária. Enquanto Basil pintava o retrato, ele lhe contou suas filosofias e ideologias de vida, baseadas no Hedonismo. E nesse momento Dorian sente-se diferente, sente que as coisas estavam começando a fazer sentido para ele e que desejava viver todas as coisas belas e prazerosas que o seu novo e fiel amigo relatava. Quando finalmente o retrato é finalizado, orgulhoso de si mesmo, Basil quer que Dorian fique com o quadro, que ele seja o primeiro a ver e diga sua opinião, o Sr. Gray surpreende-se ao enxergar tanta beleza nele mesmo e, inconscientemente, acaba fazendo um pacto com o quadro ao afirmar que desejaria trocar sua alma por toda a beleza e juventude daquele quadro – que desejaria, irrevogavelmente, que todas as traços do envelhecimento alterassem o quadro e não a ele, de modo que permanecesse jovem e belo por toda a eternidade.

A partir de então, Dorian muda totalmente seu estilo de vida - ele passa a valorizar muito mais a arte, o belo e os prazeres da vida não dando importância a mais nada. Além disso, ele segue na companhia de seu fiel e persuasivo amigo, Lorde Henry, cuja influência define qual será o próximo passo de sua nova aventureira vida. Um belo dia, Dorian decide conhecer os subúrbios de Londres, e ao ver uma jovem donzela no cartaz de uma peça de teatro, sente-se interessado em conhecê-la, por demonstrar tanta beleza e juventude. Ao entrar no teatro e assistir ao desempenho da jovem atriz, chamada Sybil Vane, ele sente-se totalmente encantado por sua beleza e como ela estava radiante, em sua personagem, ele a achou divina e passou a assistir à peça de Shakespeare todas as noites, só para assisti-la

interpretando diversos personagens e sendo radiante. Julgando estar perdidamente apaixonado por aquela atriz, quando ele a conhece faz juras de amor, o que encanta Sybil que se apaixonou perdidamente por Dorian. Tudo o que o belo jovem hedonista queria era mostrá-la para todos, para que eles vissem a quão encantadora e divina ela era.

Dias depois, Dorian convence Lorde Henry e Basil a assistirem a peça, na qual sua amada noiva participava. Porém, a representação foi um fiasco. A jovem Sybil não demonstrava nenhuma emoção ao atuar. Para Dorian, foi um choque, ele ficou extremamente decepcionado e deixou morrer todo o sentimento de admiração que nutria por ela, afirmando que estava abismado de como ela estava atuando ruim e como poderia fazer aquilo com ele e seus amigos. Depois que todos foram embora, ele foi conversar com ela, afirmando que ela estava patética e que o desapontou profundamente. A pobre e inocente menina confessou que foi proposital, pois a partir do momento em que ele surgiu na vida dela, atuar não significava mais nada para ela. Queria viver uma história de amor com ele e não apenas interpretar uma. Mas todas as palavras da jovem moça não surtiram nenhum efeito para Dorian, para quem Sybil Vane, agora, não passava de uma atriz de baixa classe. Por fim, terminou o noivado e confessou que ela não significa mais nada para ele, deixando-a totalmente triste e arrependida. Passando-se um dia, Dorian volta à sua vida normal e ao decidir observar o quadro que Basil lhe dera, para sua surpresa, nota algo diferente: havia uma nova expressão no seu rosto, uma expressão de crueldade que o deixou perplexo quando à realidade do que parecia ser a consequência de sua crueldade com a pobre Sybil Vane. Dorian tenta voltar atrás, decidiu ir procurá-la e retomar o noivado. Porém, o que ele não sabia é que já era tarde demais para querer voltar atrás. Em meio a essa reviravolta, Lorde Henry aparece e lhe dar a triste notícia de que Sybil havia se suicidado na noite anterior, deixando Dorian transtornado. Ele se culpou pelo suicídio e se sentiu um ser humano horrível, mas seu fiel amigo o acalmou, fazendo-o enxergar beleza no fato trágico e afirmando que ela morrera como se estivesse interpretando sua personagem em Shakespeare, que havia se suicidado por amor. Diante desses argumentos, Dorian percebe a beleza nesse momento trágico e, instantaneamente, seguiu sua vida como se nada tivesse acontecido.

A partir desse ponto, Dorian passa a devotar sua vida à estética, à arte e ao prazer. Ele experimenta todos os prazeres que sente vontade de sentir independentemente da vontade alheia. Entretanto, à proporção que vive sua vida em excessos, Dorian desenvolve uma paranoia em relação ao quadro - a cada desejo insano ou algum ato de crueldade feito por ele,

tudo parece ficar registrado no quadro. Manchas de sangue ou marcas horríveis vão ficando impregnadas em sua face, no retrato, que o leva a escondê-lo, a fim de que somente ele pudesse ver as trágicas transformações. Algum tempo passa e o seu antigo e amável amigo Basil, antes de partir para Paris, decide ir visitá-lo e tirar algumas satisfações tendo em vista que “as pessoas estavam falando péssimas coisas dele, as quais eram difíceis de acreditar”. Após Basil questioná-lo, Dorian decide lhe mostrar o quadro e confessa o seu segredo ao amigo. Porém, a reação de Basil é totalmente oposta ao que Dorian esperava, ele pega a faca que havia deixado próxima do retrato e, num surto de raiva, Dorian o mata.

No dia seguinte, ele entra em contato com um jovem químico chamado Allan Campbell. Cujas vidas amorosas ele havia desgraçado em um passado próximo. Dorian lança mão de chantagens para conseguir o que queria com o químico: que ele fizesse desaparecer o corpo de Basil e que Campbell faz. Pouco tempo depois, o Sr. Gray descobre que Allan também havia cometido suicídio.

Como forma de tentar esquecer o passado e tentar acertar no futuro, ele conhece uma jovem camponesa chamada Hetty. A princípio tudo parecia estar perfeito, ele iria começar uma nova vida. Contudo, sua consciência não permitia que ele pudesse viver uma vida tranquila diante de tudo que já acontecera. Além disso, o quadro ainda retrata todos os seus pecados em forma de horror. Como forma de se redimir, Dorian desiste de viver uma história de amor com Hetty alegando que não queria desgraçar a vida da pobre camponesa. Apesar de Dorian demonstrar arrependimento por tudo o que havia feito e de tentar se tornar um homem bom, seu real objetivo parecia ser apenas fruto da sua vaidade e de desejar, amargamente, que todas as coisas de ruins que havia feito desaparecessem para sempre e que não houvesse nenhum vestígio de pecado ou crueldade no retrato. Ele custou a acreditar, mas no fundo sabia que estava sendo um hipócrita, pois chegara a pensar que a culpa de tudo aquilo tinha sido de Basil, por criar o retrato. Na realidade, Dorian, demonstra preocupação apenas consigo mesmo, com a integridade de sua alma e não com os dois suicídios e com o assassinato de seu amigo. Num súbito acesso de loucura e desespero, ele não suporta mais encarar sua real face no retrato, nem perceber que apesar das renúncias que o vinha fazendo, nada estava mudando na imagem do retrato. Então, passa a acreditar que se destruísse a prova de todos os seus crimes, o retrato, tudo voltaria a ser como antes e ele poderia, de verdade, recomeçar a sua vida. Convencido dessa possibilidade, Dorian pega a mesma faca com que tinha ferido Basil e avança contra a tela, rasgando-a de cima a baixo. Depois disso, só se ouviu um grito de horror

e, quando seus empregados foram ver o que havia acontecido já era tarde. Ao tentar destruir o retrato, Dorian Gray acabou destruindo a si próprio e tudo o que se via era um homem morto com o rosto totalmente envelhecido e com uma aparência repugnante. Só após reconhecer os pertences do patrão, é que os empregados perceberam que se tratava de Dorian e, ao olhar para o retrato, perceberam que nele havia um jovem de beleza extraordinária e juventude plena.

ANEXO B – RESUMO DA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA (1945) DIRIGIDA POR ALBERT LEWIN

O filme começa com o narrador descrevendo o personagem Lorde Henry Wotton no qual afirma que ele passa a vida estudando a arte aristocrática de não fazer nada e vive a vida pelo prazer de observar as emoções e ações dos mais próximos e distraí-los com suas teorias de má influência. Logo em seguida, Lorde Henry chega à casa do seu velho amigo Basil, que estava muito focado para finalizar mais uma de suas pinturas. Ao se aproximar, Henry percebe que há um jovem rapaz cuja beleza é extraordinária e fica interessado em saber mais ao seu respeito, a princípio Basil se recusa a falar o nome do modelo da sua pintura alegando que ele é muito especial e que a presença de Henry não seria boa para o jovem, mas, acidentalmente ele revela que o nome é Dorian Gray. Basil insiste que Henry não tente se aproximar dele e alega que não mostrar o quadro a ninguém pois colocou muito de si mesmo.

Logo em seguida, Dorian chega a casa de Basil e começa a tocar piano. Ele acaba conhecendo e se agradando da presença de Lorde Henry. Antes de Basil finalizar o quadro, surge sua sobrinha Gladys que assim como ele, adora o Dorian e pede para que ele continue do jeito que ele é até ela crescer. Quando Dorian decide ver o quadro, fica totalmente encantado com sua beleza e juventude, mas ao mesmo tempo aparece triste, então ele fala “Conforme eu envelheço esse quadro sempre permanecerá jovem e se pudesse ser ao contrário? E se eu pudesse ficar sempre jovem e o quadro envelhecesse?”, Lorde Henry comenta que ele deveria dizer uma coisa dessas por que havia uma estátua de um gato egípcio que representava os 73 grandes deuses daquele país. Dorian determinado apenas fala que faria de tudo para trocar de lugar com o quadro e que por isso daria até a sua alma.

A partir desse momento, Dorian começa a se transformar e a se aventurar por Londres em lugares que não frequentava. E em uma dessas aventuras, ele encontra um bar intitulado “Two Turtles” e é onde conhece Sybil Vane, uma cantora que sonha em ser atriz. Sybil demonstrar ser uma jovem muito firme, mas acaba não resistindo aos encantos de Dorian, esse que noite após noite retorna ao lugar para visitá-la, conseqüentemente os dois acabam se apaixonando e ficando noivos. Muito feliz, ele pede para Lorde Henry e Basil para o bar em que ela trabalha, para conhecê-la e ver quão maravilhosa é sua performance, percebendo que Dorian estava totalmente enfeitiçado pela jovem, Henry aconselha o amigo a chamá-la para ir na casa dele a noite e pedir para que ela ficasse, se ela não aceitasse era digna de seu amor, mas caso aceitasse ela não valeria a pena. Dorian resolve aceitar o conselho e convida Sybil para ir à sua casa que mesmo com muito receio ela resolve aceitar o convite e passa a noite na casa de Dorian.

No dia seguinte, Dorian resolve enviar uma carta revelando que nunca mais a veria. A moça se envenena no camarim onde trabalhava. Após escrever a carta, Dorian percebe que há algo diferente do quadro, que o rosto está com uma aparência diferente, sendo assim Dorian relembra as palavras que haviam dito no dia que conheceu Lorde Henry, ele tenta não pensar que o que ele tanto queria tinha se realizado e começa a se perturbar com isso.

Os anos vão passando e Dorian continua com a mesma aparência e vários boatos a seu respeito vem se repercutindo na cidade. E quem surge já uma mulher encantadora é Gladys, a sobrinha de Basil, que de imediato se apaixona por Dorian. Não contente, Basil decide visita-lo para saber se todos aqueles boatos são verdadeiros e alegar que não quer que ele se relacione com sua sobrinha, ele também comenta que precisará do quadro para divulgá-lo em Paris, com raiva e com angústia, Dorian decide mostrar o quadro e sua verdadeira face para Basil que ao enxergar o que havia acontecido aconselha Dorian a pedir perdão pelos pecados e se redimir. Em um excesso de raiva, Dorian mata Basil com várias facadas. No dia anterior, decide chantagear um ex amigo Allan Campbell, um cientista, e pede para que ele faça o corpo desaparecer.

Com o passar dos dias, Dorian e Gladys decidem ficar noivos, mas ele já não é o mesmo, atormentado por suas ações, ele começa a agir como se sempre houvesse alguém o perseguindo. Depois que Allan Campbell comete suicídio e o irmão de Sybil Vane acaba morrendo acidentalmente por causa dele, Dorian decide pôr um fim em tudo.

Ele envia uma carta à Gladys declarando seu amor pela moça e dizendo que só traz desgraça àqueles que ama. Pede que ela tente se lembrar dele sem amargura e avisa que nunca mais voltaria. Gladys decide ir atrás de Dorian. Entretanto, já era tarde demais, Dorian decide esfaquear o retrato com o punhal, pois pensava que se o destruísse, ele voltaria a envelhecer e teria uma outra chance de recomeçar, mas subitamente ele cai no chão e a figura volta a ser jovem novamente. Dorian morre toda monstruosidade que havia no quadro agora está em seu rosto. O filme termina com um livro aberto ao lado do gato egípcio e o narrador finaliza com a citação:

“Enviei minha alma atrás do invisível, para soletrar alguma carta dessa póstuma vida. Minha alma retornou para mim e respondeu: ‘Eu sou o céu e o inferno’

ANEXO C – RESUMO DA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA (2009) DIRIGIDA POR OLIVER PARKER

O Retrato do Dorian Gray

Resumo da Adaptação Cinematográfica (2009) dirigida por Oliver Parker

Em *O Retrato de Dorian Gray*, o protagonista epônimo é um jovem muito atraente e ingênuo que se muda para Londres para herdar toda a fortuna de seu falecido tio. Torna-se, então, um jovem rico e não demora a fazer amizades com pessoas da alta sociedade londrina, que fazem questão de exibir suas riquezas e vaidades. Pouco tempo depois, conhece o aclamado pintor da época, Basil Haward qual instantaneamente encanta-se com a juventude e a beleza de Dorian e o convida para ser modelo de um retrato que pretende pintar em sua homenagem e, que desencadeará toda a estória.

Posteriormente, ao visitar uma festa na companhia de Haward, Dorian conhece um homem de temperamento sagaz e de filosofia hedonista chamado Lorde Henry. Eles se tornam grandes amigos e o nobre passa a ter grande influência sobre sua vida. No dia seguinte, Dorian visita o estúdio de Basil, junto com Lorde Henry para ver o retrato que o artista pintou. Ao contemplá-lo, Dorian fica totalmente apaixonado e obcecado por sua própria imagem e, após um longo discurso de Lorde Henry sobre como a beleza e a juventude eram essenciais na sociedade em que viviam e sobre como envelhecer é deprimente e

alarmante, Dorian torna todas essas palavras como verdadeiras e acaba fazendo um pacto com o retrato ao dizer que “trocaria sua alma, para ter a juventude eterna”.

As coisas começam a mudar para Dorian, depois que ele passa não só a acreditar nas coisas que Lorde Henry fala, mas vivenciá-las. Aconselhado pelo nobre, Dorian vai procurar uma jovem donzela de aparência indiscutivelmente bela, para expressar seus sentimentos. E acaba encontrando-a num teatro pouco nobre, nas ruas de Londres, e descobre que ela é uma atriz sem muito sucesso, naquela noite estava interpretando a personagem Ofélia de Macbeth, da tragédia *Hamlet*. Após o fim da peça, decidi ir ao camarim e descobrir mais a respeito da adorável atriz, cujo nome é Sybil Vane. Logo após esse encontro, o casal passa a se encontrar várias vezes e ambos se dizem perdidamente apaixonados um pelo o outro. Porém, as pessoas próximas a Dorian não enxergam esse relacionamento com bons olhos por conta da diferença de classes existente entre eles, de modo que, -, é influenciado por Lorde Henry, Dorian que via Sybil como uma “jovem sagrada”, convencido de que não há nada demais nos prazeres carnis, - Henry também comenta que ele “não deve resistir às tentações”.

Dorian segue o conselho de Lorde, cede às tentações e convencer Sybil Vane a fazer o mesmo. Posteriormente, ele se machuca, mas percebe que suas cicatrizes, de longa data haviam desaparecidos de seu corpo. Sem tardar, o casal anuncia o noivado, que, mais uma vez, não foi visto com “bons olhos” pelos próximos a Dorian, Lorde Henry o aconselha a sempre procurar novas sensações e a nunca se prender a nada. Por fim, o belo jovem decide romper com Sybil, na mesma noite, Dorian percebe que há algo estranho no retrato que Basil pintou dele; - algo nele parecia ter mudado, havia um toque de cinismo e de algo macabro em seu rosto. O tempo passa, e Dorian continua buscando novas sensações, até que certa noite descobre, através do irmão da senhorita Vane, que ela cometeu suicídio e que estava grávida dele. A notícia o deixa sem chão, triste e arrependido de tudo o que fez, mas, como sempre, Lorde Henry, surge e o consola dizendo que se deve deixar para lá coisas do passado, que homens nobres como eles o superam e o transformam em uma experiência extraordinária. Dorian segue isso afínco, mas ele não demora a perceber algo estranho está acontecendo com o retrato novamente, como se alguém estivesse observando e cada vez mais, o rosto semelhante ao seu no retrato torna-se aparentemente estranho e macabro, de modo que Dorian decide o escondê-lo.

Passe-se um bom tempo, e Dorian sempre sob a influência de Lorde Henry, começa a vivenciar uma longa jornada de prazeres carnis, sem nenhuma limitação. Até que um dia ele

decide dar uma festa em sua casa, para qual convida todos os seus amigos próximos, inclusive Basil. O pintor, solicita que Dorian lhe empreste o retrato que ele pintou para uma exposição de seus trabalhos em Paris, mas tem seu pedido negado. Como o pintor insiste muito no pedido, Dorian tenta fazê-lo desistir seduzindo-o, o que consegue por umas horas. Mas no fim da festa, Basil retorna a sua casa e exige explicações sobre o porquê dele não pode exibir seu retrato. Nesse momento, Basil demonstra estar zangado e revoltado com Dorian que decide, então, confiar-lhe seu segredo, alegando que Basil é o único amigo a quem poderia revelá-lo. Entretanto, assim que Basil vê o retrato, ele fica transtornado, implorando que Dorian chame um padre, que tente parar com essa maldição, o que deixa o senhor Gray muito irritado. Tomado por um impulso do momento, ele decide matar seu amigo, Basil Hallward, jogar seu corpo num baú e despejá-lo em um rio. Após um breve período, o corpo de Basil é descoberto, mas ninguém é capaz de desvendar quem cometeu essa atrocidade com ele. Então, Dorian decide fazer uma longa viagem para explorar cada vez mais suas sensações e chama seu fiel conselheiro, Henry, que não atende ao convite, tendo em vista que sua mulher está nos últimos meses de gravidez.

O tempo passa e Henry e o senhor Gray sempre se comunicam através de cartas, nas quais Dorian relata todas as suas aventuras pelo pôr mundo. Vinte anos se passam, Dorian decide retornar a Londres e rever seus velhos amigos, que o aguardavam ansiosos. E confessa para Henry que está cansado da vida que leva e, nesse mesmo dia, ele conhece uma mulher que julga incomum à sua época e acaba descobrindo que é a filha de Henry, chamada Emily.

Outro dia, Dorian decide fazer uma caminhada pelos mesmos locais que costumava frequentar nas ruas de Londres até que se depara com o teatro em que conheceu Sybil Vane. Com a mente cheia de lembranças, ele decide visitar o cemitério em que jaz o corpo dela, e acaba se encontrando com o irmão de Sybil, James, que o tenta matá-lo mas Dorian consegue escapar.

Os dias se passam, e Emily, a filha de Henry, passa a se encontrar com Dorian. Ela se mostra amigável e ele passa a gostar de sua companhia, mas sua reputação suja e seus próprios tormentos e alucinações fazem com que o mesmo tente se afastar dela que a todo instante se recusa a se afastar dele e diz que quer ajudá-lo a superar tudo. Mas cada vez mais, Dorian torna-se atormentado pelo passado, e, numa tentativa desesperada tenta destruir a prova mais viva e corrupta de como é o seu verdadeiro Dorian: o retrato. Porém desisti na mesma hora.

A partir desse momento, ele passa a querer redenção e a ser uma pessoa melhor, mas nada do que ele tenta fazer consegue desfazer tudo o que já fora. Um certo dia, James aparece novamente e tenta matá-lo, ao descobrir que ele realmente é o homem que destruiu a vida de sua irmã, mas acaba sendo atropelado por um trem e morto. Então Dorian, totalmente transtornado e arrependido, procura ajuda ao lado da Emily. Ao perceber o rumo que as coisas estavam tomando, Henry exige que Dorian se afaste de sua filha. O jovem se recusa a fazê-lo, dizendo que quer ser uma pessoa melhor e que se arrepende de tudo o que fez.

Contrariado Henry passa a investigar a vida de Dorian e a tentar descobrir qual é o segredo a de sua juventude. Ao começar a procurar por provas contra Dorian, ele lembra-se da foto que tirou ao lado dele e de Basil, - também lembra do antigo retrato que o falecido havia pintado do Sr. Gray e relembra que Dorian havia dito que venderia sua alma por juventude eterna, coisa que agora Lorde Henry passa também a acreditar. Para conseguir descobrir toda a verdade e rever o antigo retrato, Henry propõe uma festa de conciliação para Dorian, que na verdade só serviria para despistá-lo, enquanto Henry iria a sua casa procurar pelo retrato. Mas Sr. Gray percebe seu plano e quando plano de Henry está quase sendo consumado, Dorian chega a tempo de evitar que ele veja o retrato. Ambos discutem e Dorian reclama que quem o tornou o que ele é foi Henry e suas teorias hedonistas e que ele não deveria julgá-lo. Durante a discussão, Dorian tenta matar o Henry, mas é impedido pela chegada de Emily a sua casa. Em um momento de distração Henry consegue ver o retrato e fica horrorizado com a imagem. Ele tenta destruí-lo ateando fogo no retrato e trancando Dorian no mesmo aposento. Emily chega próximo ao aposento assim que ele é trancado, ela implora que ele lhe entregue a chave do local para poder salvá-lo, mas Dorian se recusa a fazê-lo, alegando que a ama, mas ela deve deixá-lo partir.

Sozinho com o retrato que mostra toda a corrupção de sua alma, Dorian decide matar a si próprio, enfiando uma espada no retrato. Nesse momento, ocorre a transformação, ao se matar Dorian transfere a imagem de sua alma corrupta para o seu corpo, e o retrato volta a ser o que era antes, apenas a figura de um belo jovem.

Por fim, Henry não consegue o perdão de sua filha pelo que fez. O desfecho do filme acontece quando Henry olha o retrato de Dorian Gray e fala: “Pobre garoto. Quem aguenta olhar para você agora?”.